

CARTAS EM TEMPOS DE GUERRAS:
A CORRESPONDÊNCIA ENTRE STEFAN ZWEIG E SIGMUND FREUD

Letters in war times: Correspondence between Stefan Zweig and Sigmund Freud

DOI: 10.14393/LL63-v36n2-2020-6

Geovane Souza Melo Junior*

RESUMO: Neste artigo faremos uma análise de parte da correspondência trocada entre o escritor Stefan Zweig e o psicanalista Sigmund Freud, contemplando, principalmente, as temáticas referentes à literatura, à psicanálise, ao exílio, ao antissemitismo e à guerra. A amizade entre esses dois intelectuais de língua alemã compreende o período de 1908 a 1939, ano da morte de Freud. Salientamos que essas cartas foram retiradas do livro em espanhol: *Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler* (2004), que é uma versão do original em alemão: *Briefwechsel mit Hermann Bahr, Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke und Arthur Schnitzler* (1987).

PALAVRAS-CHAVE: Cartas. Exílio. Freud. Guerra. Zweig.

ABSTRACT: In this article I analyze part of the mail exchange between the writer Stefan Zweig and the psychoanalyst Sigmund Freud, focusing on the themes of literature, psychoanalysis, exile, anti-Semitism, and war. The friendship between these two German-speaking intellectuals comprises the period from 1908 to 1939, the year of Freud's death. These letters were taken from the Spanish book *Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler* (2004), which is a version of the original in German *Briefwechsel mit Hermann Bahr, Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke und Arthur Schnitzler* (1987).

KEYWORDS: Letters. Exile. Freud. War. Zweig.

* Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia/MG. ORCID: 0000-0003-4187-3193. E-mail: geovane.melo(AT)ufu.br

1 Stefan Zweig e Sigmund Freud

Este artigo apresenta uma breve análise de algumas missivas trocadas entre dois grandes nomes do século XX, o escritor Stefan Zweig e o psicanalista Sigmund Freud. A escolha das epístolas a serem tratadas neste texto foi realizada pelos eixos temáticos: psicanálise, literatura, antissemitismo, exílio e guerra. Todas as cartas analisadas encontram-se no livro: *Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler*, tradução em espanhol, de 2004, do original em alemão: *Briefwechsel mit Hermann Bahr, Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke und Arthur Schnitzler*, publicado em 1987. Ao todo são 78 missivas, 31 de Freud e 47 de Zweig. Dito isso, anteriormente a essa análise propriamente dita, faremos uma sucinta apresentação de ambos os intelectuais e algumas de suas obras mais conhecidas.

Stefan Zweig foi um escritor *best seller* em seu tempo, autor versátil. Escreveu romances, ensaios, biografias e experimentou grande fama ainda jovem. Algumas de suas obras mais conhecidas são: *24 horas na vida de uma mulher*; *Autobiografia: o mundo de ontem, memórias de um europeu* e *Brasil um país do futuro*. Em síntese, a primeira (*24 horas na vida de uma mulher*) foi profundamente elogiada por Sigmund Freud e, inclusive, utilizada em seu artigo *Dostoiévski e o parricídio* para exemplificar o vício em jogos como um retorno à masturbação infantil.

[...] é fácil conjecturar qual fragmento da vida infantil, há muito soterrado, se extorquiou na repetição compulsiva do jogo, apoiando-se em uma novela de um jovem escritor. Stefan Zweig, que, aliás, dedicou um estudo ao próprio Dostoiévski [...]. (FREUD, 2015, p. 301)

A segunda (*Autobiografia: o mundo de ontem, memórias de um europeu*) perpassa pelo período da *Belle Époque* europeia, final do século XIX, continua durante a Primeira Grande Guerra e finaliza com a ascensão do nacional-socialismo e todas suas consequências catastróficas para o povo judeu e o mundo. Mais do que um autorretrato, esse texto é atravessado por um testemunho de quem vivenciou os dois extremos europeus do século XX.

Contra a minha vontade eu me tornei testemunha da mais terrível derrota da razão e do mais selvagem triunfo da brutalidade dentro da crônica dos tempos; nunca – eu não registro isso de maneira alguma com orgulho, mas

sim com vergonha – uma geração sofreu tamanho retrocesso moral, vindo de uma tal altura intelectual como a nossa. No pequeno intervalo desde que meus primeiros fios de barba cresceram até começarem a ficar grisalhos, nesse meio século aconteceram mais transformações e mudanças radicais do que normalmente em dez gerações, e cada um de nós o sente: aconteceu demais! Tão diferente é meu hoje de qualquer dos meus ontens, minhas ascensões e minhas quedas, que às vezes me parece que vivi não uma única existência, mas várias, inteiramente diferentes entre si. Pois muitas vezes, quando digo, desatento, “minha vida”, sem querer me questiono: “Qual vida?” A de antes da Guerra Mundial, a de antes da Primeira, a de antes da Segunda ou a vida de hoje? (ZWEIG, 2014, p. 10)

Já a terceira obra citada (*Brasil um país do futuro*) é o polêmico livro sobre o Brasil [*Brasilienbuch*]. Zweig, diante do horror que desolava a Europa, idealiza nossas terras, exaltando sobremaneira a natureza e afirmando que aqui não existiam preconceitos raciais. Esta visão idealizada do Brasil como uma terra prometida, uma nova Canaã, fica perceptível, por exemplo, quando ele narra, de maneira hiperbólica, seu desembarque na cidade do Rio de Janeiro:

Chegamos ao Rio: foi uma das impressões mais poderosas que eu experimentei em toda a minha vida. Fiquei fascinado e, ao mesmo tempo, estremei. Pois não apenas me defrontei com uma das paisagens mais belas do mundo, esta combinação ímpar de mar e montanha, cidade e natureza tropical, mas ainda com um tipo completamente diferente de civilização. [...]. Havia cor e movimento. O olhar excitado não se cansava de ver e, para onde olhasse, era recompensado. Fiquei possuído por um torpor de beleza e de fidelidade que excitava os sentidos, crispava os nervos, dilatava o coração, ocupava o espírito, e quanto mais eu via, nunca era o bastante. (ZWEIG, 2013, p. 14)

Essa mesma idealização é percebida também quando Zweig narra como ele percebia o racismo, ou a falta dele, ao comparar o nosso país com a Europa.

Enquanto, no nosso velho mundo, prevalece a loucura de se querer criar pessoas de raça pura, como se fossem cavalos de corrida ou cães, a nação brasileira se baseia há séculos unicamente no princípio da mistura livre e sem entraves, a total equiparação entre negros e brancos, morenos e amarelos. (ZWEIG, 2013, p. 18)

Por conseguinte, foi duramente criticado por vários jornalistas brasileiros, pois o acusavam de ter retratado um país primoroso no intuito de enaltecer a figura de Getúlio Vargas

que, como retribuição, teria lhe dado seu visto para permanecer no país (DINES, 2012). Ironicamente, é nesse mesmo país, de natureza esplêndida e relações tão cordiais, que Zweig dará um fim em sua vida, juntamente com sua segunda esposa, na cidade de Petrópolis – RJ, em fevereiro de 1942.

Por sua vez, Sigmund Freud cria a psicanálise a partir do momento que ousa escutar as mulheres consideradas histéricas no *Hôpital de la Salpêtrière*. Alguns de seus livros mais populares são: *A interpretação dos sonhos*; *Além do princípio do prazer* e *Escritores criativos e devaneio*. Brevemente, no primeiro livro (*A interpretação dos sonhos*), demonstrou que os sonhos, assim como os chistes, atos falhos e o sintoma são formações do inconsciente e, por conseguinte, estruturados como linguagem.

No segundo livro (*Além do princípio do prazer*), em constantes diálogos com a área biológica, sobretudo com a Citologia, propõe o conceito de trauma enquanto descarga endógena ou exógena que consegue perpassar a vesícula protetora do aparelho psíquico, ocasionando assim o registro do evento traumático, porém sem representação do mesmo. Não por acaso, *a posteriori*, surgem às tentativas de significação do aparelho psíquico, tais como *flashbacks* e pesadelos. Neste sentido, Lacan argumenta:

O trauma, enquanto tem ação recalcante, intervém só depois *nachträglich*. Naquele momento, algo se desloca do sujeito no próprio mundo simbólico que ele começa a integrar. Daí por diante, aquilo não será mais algo do sujeito. O sujeito não o falará mais, não o integrará mais. Não obstante, ficará lá, em alguma parte, falado, se é que se pode dizer, por algo de que o sujeito não tem o controle. (LACAN, [1953-54] 2009, p. 222)

Finalmente, no último escrito (*Escritores criativos e devaneio*), Freud sugere que a fantasia corresponde ao brincar da criança. Deste modo, como na vida adulta, a brincadeira sofre sanções, o escritor criativo [*Dichter*], por meio da fantasia, é aquele que transgride e consegue gerar prazer de maneira socialmente aceita. “Assim, quando alguém que está crescendo deixa de brincar, nada mais faz a não ser esse empréstimo aos objetos reais; em vez de brincar, agora fantasia” (FREUD, [1908] 2015, p. 55).

Uma vez devidamente apresentados, a partir de alguns dados biográficos e bibliográficos, na próxima seção exploraremos a amizade epistolar entre esses dois intelectuais.

2 Cartas em tempos de guerras

Antes de qualquer coisa, é interessante sublinhar que um acaso os une nessa amizade de pouco mais de três décadas. Zweig era um escritor entusiasta da psicanálise, que explorava o âmbito subjetivo de seus personagens. Conforme afirma Dines, “suas novelas vendem sucessivas edições graças aos toques psicológicos assimilados no convívio com Freud e cuja biografia fez o primeiro contato do grande público brasileiro com os mistérios da psique” (DINES, 2012, p.35). Assim, Zweig fazia dos temores, das angústias, das indecisões e traições matéria prima para seus dramas psicológicos, subjetivos, em outras palavras, tratava da condição humana em seus livros, como podemos perceber no trecho de sua carta para Freud:

Kapuzinerberg, 5
Salzburgo, 8 de setembro de 1926
Apreciadíssimo professor:
[...] Permita-me dizer claramente por que eu e muitos outros temos que agradecer-lhe: pela coragem que trouxe à psicologia. O senhor eliminou as inibições de toda uma época, assim como as de inumeráveis escritores, em particular. Graças ao senhor muitos veem, graças ao senhor muitos dizem, coisas que, se não fosse pelo senhor, jamais seriam vistas ou ditas. Se ainda há alguém que não se dá conta do que acabo de afirmar, é porque ainda não contempla nossa literatura historicamente, em sua forma matriz (dentro de uma ou duas décadas se descobrirá que, subitamente, surgiu uma audácia psicológica, diferente a um Proust na França, a um Lawrence e um Joyce na Inglaterra, a alguns poucos alemães: seu nome). E nós nunca negaremos a grandeza deste homem que nos abriu o caminho que deveríamos seguir. Para mim, a psicologia é hoje a paixão de minha vida (ninguém melhor que o senhor para compreender o que eu digo), e por esta razão desejo aplicá-la, se sou capaz disso, ao objeto mais difícil de todos: eu mesmo [...]. Seu fiel e afetuoso, Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 31).

Por outro lado, Freud foi um psicanalista que admirava os escritores, pois acreditava que tinham acesso privilegiado à subjetividade humana. Não por acaso, era leitor voraz de Shakespeare, Dostoiévski e Goethe, por exemplo. Aliás, de acordo com o psicanalista Edson Luiz André de Souza, no posfácio do livro *Arte, Literatura e os Artistas*:

Freud se lançou como desafio tentar elucidar os bastidores obscuros dos sintomas que nos habitam. Neste percurso, ele sempre se manteve muito próximo dos artistas, por acreditar que estes funcionam como faróis, com suas luzes intermitentes que indicam desvios em nossas travessias. Os artistas

cumpririam, portanto, a função de antenas do seu tempo, captando as fantasias de uma determinada época [...]. (SOUZA, 2015, p. 318)

Desta feita, temos um escritor com uma acuidade psicológica aguçada e um psicanalista que era um profundo conhecedor das artes. “Para interpretar o inconsciente como Freud, seria preciso, como ele, ser uma enciclopédia das artes e das musas [...]” (LACAN, [1957] 1998, p. 526). Ora, indubitavelmente, esse cenário era um campo fecundo para o nascimento e desenvolvimento de uma grande amizade intelectual. Aliás, em uma de suas cartas, Freud elogia e compara o trabalho do escritor com o do psicanalista:

19 out. de 1920

Viena, IX, Berggasse, 19

Estimado senhor:

[...] Interessa-me, em especial, a forma acumulativa e gradual em que suas frases se aproximam cuidadosamente da essência íntima do descrito. É como a acumulação de símbolos que se produz nos sonhos fazendo que o oculto seja desvendado com progressiva claridade [...] (FREUD, 2004, p. 31).

Dito isso, ressaltamos que mais de vinte anos separam Freud e Zweig no que se refere à idade, o primeiro poderia ser pai do segundo, porém, muitas questões os aproximavam; ambos são judeus, intelectuais de língua alemã, tiveram seus livros censurados e queimados na fogueira nazista, vivenciaram o exílio e foram testemunhas oculares [*Augenzeuge*] da ascensão do nacional-socialismo e do horror da Guerra. O historiador britânico Eric Hobsbawm em seu livro *A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991* descreve um pouco sobre essa época de terror e caos, principalmente para a comunidade judaica:

O racismo nazista logo provocou o êxodo em massa de intelectuais judeus e esquerdistas, que se espalharam pelo que restava de um mundo tolerante. A hostilidade nazista à liberdade intelectual quase imediatamente expurgou das universidades alemãs talvez um terço de seus professores. Os ataques à cultura “modernista”, a queima pública de livros “judeus” e outros indesejáveis, começaram quase com a entrada de Hitler no governo. Além disso, embora os cidadãos comuns pudessem desaproveitar as barbaridades mais brutais do sistema — os campos de concentração e a redução dos judeus alemães (que incluía todos aqueles com pelo menos um avô judeu) a uma segregada subclasse sem direitos —, um número surpreendentemente grande via tais barbaridades, na pior das hipóteses, como aberrações limitadas. Afinal, os campos de concentração eram basicamente obstáculos a uma potencial oposição comunista e prisões para os quadros da subversão,

um objetivo pelo qual muitos conservadores convencionais tinham certa simpatia [...]. (HOBSBAWM, 1995, p. 121)

Portanto, é importante lembrar que a correspondência entre Zweig e Freud atravessou parte desse período de horror. Logo, tal característica já evidencia seu importante valor histórico e documental acerca de uma época que a razão se emudeceu em face da barbárie. Segundo Seligmann-Silva (2003, p. 16): “É preciso que cada documento da barbárie seja recuperado, estudado, criticado, entendido, conservado, arquivado, publicado e exposto, de forma a tornar a história uma forma presente de resistência e de registro digno dos mortos, muitos sem nome conhecido e sem túmulo”.

Isto posto, no que se refere ao desenvolvimento da amizade, no início, verificamos que era mais protocolar, com envios e recebimentos de obras seguidas de comentários, ou seja, trocas de escritos e compartilhamento de sugestões e críticas. Inclusive, a primeira carta (segundo o livro que estudamos) trocada entre os dois intelectuais é de Freud agradecendo a Zweig pelo recebimento de sua obra sobre Balzac e, não suficiente, solicitando que também pudesse enviar seus textos ao escritor. Vejamos um trecho:

4-7-08

Viena, IX, Berggasse, 19

Estimado senhor: Muito obrigado pelo seu Balzac, que li inteiro de uma só vez: o turbilhão que o senhor descreve é contagiante. O homem encaixa bem com o senhor [...]. Parece-me muito bonito de sua parte que se incomode em enviar-me suas obras e me pergunto se eu poderia fazer o mesmo, oferecendo-lhe alguns textos de minha produção (claro que de um valor completamente diferente). Seu cordialmente afetuoso,
Freud (FREUD, [1908] 2004, p. 14)

No entanto, com o passar do tempo, torna-se claro que a amizade vai se aproximando, a ponto de Zweig intermediar várias visitas da *intelligentsia* europeia daquele período à casa de Freud, tais como o escritor francês Romain Rolland, o escritor britânico H. G. Wells e o pintor surrealista espanhol Salvador Dali. Vejamos alguns casos ilustrativos:

Salzburgo, junho de 1933

Apreciado professor: o senhor conhece (além de minha estima) o quanto respeito seu tempo e que nunca ousaria levar à sua casa um simples curioso.

Mas o grande escritor inglês H.G Wells, que mantém em sigilo sua estadia em Viena, alimenta o fervente desejo de ver somente o senhor.

[...] Com fiel respeito e afeto.

Seu sincero, Stefan Zweig (ZWEIG, [1933] 2004, p. 50)

Provisoriamente em Viena, IX., Garnisonsgasse, 10

(Princípios de maio de 1924) Apreciado professor: Romain Rolland, que passa uns dias em Viena, pediu-me para transmitir seu desejo de visitar-lhe e pergunta quando seria bem-vindo no caso de o senhor estar de acordo. Para mim é uma honra, estimado professor, fazer chegar ao senhor este pedido e espero que nada se oponha ao desejo ardente de Rolland de poder conhecê-lo pessoalmente. [...] Aproveito, de bom grado, a ocasião, estimado professor, para expressar-lhe novamente meu carinho e meu profundo respeito.

Seu sinceramente afetuoso, Stefan Zweig (ZWEIG, [1924] 2004, p. 22)

Já com relação às epístolas que dissertavam sobre aspectos literários e psicanalíticos, uma chama a atenção em particular por ser extensa, com muitos detalhes e se tratar do eminente escritor russo Fidor Dostoievski. Segue um trecho da referida carta:

19 out. de 1920

Viena, IX, Berggasse, 19

Estimado senhor:

[...] Se me permite julgar sua obra com um critério particularmente estrito, diria que seu domínio de Balzac e Dickens é total, mas isso não é muito difícil, já que se tratam de personalidades simples e diretas. No entanto, com o russo, tão complicado, a coisa não poderia ser igualmente satisfatória: nota-se que restam lacunas e enigmas sem resolver. Deixe-me contribuir, até onde minha condição de profano me capacita, algum material sobre ele que disponho a esse respeito. Pode ser que aqui tivesse alguma vantagem o psicopatologista, cuja competência refere-se a Dostoievski. Creio que o senhor não deveria ter se contentado com a suposta epilepsia de D. (Dostoievski). É muito improvável que ele tenha sido um epilético. A epilepsia é uma afecção cerebral orgânica externa à constituição psíquica e se associa, geralmente, a uma redução e simplificação do rendimento psíquico. Só se conhece um único exemplo em que esta enfermidade se manifestou em um homem de grande dotação espiritual (Helmholtz), um gigante do intelecto cuja vida emocional é pouco conhecida. Todos os outros, grandes personagens que posteriormente foram diagnosticados como epiléticos, eram em realidade histéricos [...] Freud (FREUD, [1920] 2004, p. 19)

Como visto então, para Freud, o que Zweig caracterizava como um caso epilético do russo não passava de um sintoma de sua neurose histérica; aliás, posição essa que oito anos depois, Freud defenderá em seu artigo *Dostoievski e o parricídio*:

Temos então toda razão em diferenciar entre uma epilepsia orgânica e uma afetiva. O significado prático disso é o seguinte: quem tem uma é um doente do cérebro, quem tem a outra, um neurótico. No primeiro caso, a vida anímica sucumbe a uma perturbação de fora que lhe é estranha, no outro, a perturbação é uma expressão da própria vida anímica (FREUD, [1928] 2015, p. 289)

Assim, as missivas antecipam o texto teórico em quase uma década, o que nos remete à relação entre a linguagem e sua origem profética, isto é, a linguagem tem uma afinidade peculiar com o futuro. Logo, ao escrevermos, de alguma maneira, nos colocamos em movimento em direção a um desconhecido, um porvenir. Nas palavras de Blanchot:

Toda palavra iniciante, ainda que seja o movimento mais suave e mais secreto, é, porque nos empurra infinitamente para adiante, aquela que abala e mais exige: tal como o mais brando raiar do dia no qual se declara toda a violência de uma primeira claridade [...] (BLANCHOT, 2011, p. 64)

Por derradeiro, mas não menos importante, um assunto que surge nas cartas no decorrer dos anos, principalmente na década de 1930, diz respeito às diversas facetas do horror que o nacional-socialismo estava impondo a toda Europa, especialmente, à comunidade judaica.

24 de ago. de 1938

49, Hallam Street,

Londres, W. 1

Langham 3693

[...] minha mãe, que tinha oitenta e cinco anos, morreu em Viena. Que tempos vivemos; noto que não sinto apenas pena, mas, mais ainda conforto pelo fato de minha mãe não ter que seguir vivendo neste inferno que é Viena, sem poder se juntar a nós.

Respeitosa e fielmente seu Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 65)

Indubitavelmente, esta é uma carta símbolo da tragédia anunciada que toda guerra se torna, uma vez que Zweig preferia ver sua progenitora morta a presenciar tamanha barbárie naquele local que outrora foi conhecido como centro cultural europeu (Viena). Diante deste cenário nefasto, o escritor alegrou-se ao tomar conhecimento que Freud finalmente cedeu e exilou-se em Londres.

49, Hallam Street,
Londres, W.1 (princípios de junho de 1938)
Langham 3693

Querido, respeitado professor, embora a mão e o coração me exijam ardentemente, não lhe escrevi a Viena, mas todos meus pensamentos estavam, diariamente, com o senhor. Agora respiro com a sensação de que aqui [Inglaterra] o senhor está a salvo. Incipit vita nuova! [...] Cumprimentos cordiais aos seus, seu fiel e afetuoso, Stefan Zweig (ZWEIG, 2004, p. 59)

Nesta época, Freud era um octogenário, andava e falava com dificuldade, já havia enfrentado várias cirurgias devido ao seu câncer. Todavia, com a prisão de sua filha Anna Freud, durante um dia, percebeu que seu exílio era uma necessidade imperiosa, inclusive para segurança de sua família. Outra missiva que deixa muito claro o contexto de barbárie daqueles tempos é:

Langham 3693
15 de nov. de 1937
49, Hallam Street
Londres, W. 1

Querido e respeitado professor:

[...] Não consigo dizer ao senhor o sofrimento que estes tempos que vivemos me provocam. Um deus terrível me concedeu o dom de prever muitas coisas, e o que agora está acontecendo, meus nervos já o sentiam há quatro anos. Se eu não estivesse vivendo aqui [Londres], não teria podido trabalhar [...] (ZWEIG, [1937] 2004, p. 56)

Essa carta de Zweig revela seu teor testemunhal já em suas primeiras linhas, pois disserta sobre a necessidade de relatar sobre o evento traumático, porém, ao mesmo tempo, deixa clara a impossibilidade deste relato completo. Deve-se falar, mas a fala é faltosa. Nesta esteira, para Blanchot, “[...] já não é permitido calar-se. Você deve falar (ainda que falar sempre tenha feito demasiado ou demasiadamente pouco sentido). Mal tendo tomado essa decisão, regressa o você deve calar-se [...]” (2011, p. 18).

Com efeito, é importante observar que, paulatinamente, as missivas que outrora contemplavam temáticas intelectuais, tais como psicanálise e literatura, nesse momento ocupavam-se de uma Europa que caminhava para o terror. Desta maneira, o percurso dessa amizade, dessa correspondência, é um retrato da trajetória da ascensão e queda da *Belle Époque* à barbárie das guerras, do antissemitismo e do nazismo. Enquanto nas décadas de

1910-1920 eram citados, nas cartas, nomes de gênios da terceira e sexta arte (Pintura e Literatura), na década de 1930 o medo e a angústia delineiam todo o cenário.

3 O tesouro epistolar

Destarte, torna-se claro que esta amizade entre duas grandes personalidades do século XX não só materializa aspectos de suas vidas pessoais e profissionais, mas, muito além, esse momento traumático de duas grandes guerras nos é transmitido por essa correspondência. Ora, sem esse acesso as suas missivas, muito do que podemos saber hoje sobre esse período caótico e suas reverberações na vida de Zweig e Freud seria apagado de nossos registros e discussões. Logo, sublinhamos que, assim como tubos de ensaios, microscópios e centrífugas são de grande auxílio em qualquer laboratório de ciências exatas e biológicas, acreditamos que, na área de humanas, nosso laboratório pode e deve contar com as correspondências. Nas palavras de Silviano Santiago:

Talvez a maior riqueza que se depreende do exame das cartas de escritores advenha do fato de os teóricos da literatura poderem colocar em questão, desconstruir os métodos analíticos e interpretativos que fizeram a glória dos estudos literários no século 20. Ao analisar as relações entre autor e obra literária, os estudiosos negaram aquele e isolaram a esta, cercaram-na de arame farpado, fetichizaram-na, para dela fazerem seu único e exclusivo objeto de estudo. Só o texto literário conta. Estou me referindo a sucessivas metodologias de leitura: a “literariedade” dos formalistas russos, a “close Reading” da nova crítica norte-americana, a leitura estilística dos espanhóis e germânicos, a análise estrutural francesa etc. (SANTIAGO, 2006, p. 62).

Por fim, há que se admitir que existem correspondências com um evidente valor histórico e intelectual que, amiúde, compõem fragmentos de um passado que não deve ser ignorado ou esquecido, ao contrário, deve ser estudado. Com efeito, abrir mão deste material para análise é desconsiderar a contextualização de uma época ímpar e que, por conseguinte, deve ser pesquisada. Além disso, seria desprezar uma fonte rica de informações que, na maioria das vezes, não se encontra em textos ou livros didático.

Referências

BLANCHOT, Maurice. **Uma voz vinda de outro lugar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DINES, Alberto. **Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 4 jul. 1908. Correspondencia con Sigmund Freud. *In*: BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A. (org.). **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós Testimonios. 2004. p. 15-69.

FREUD, Sigmund. [carta]. Viena, 19 out. 1920. Correspondencia con Sigmund Freud. *In*: BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A. (Org.). **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. Barcelona: Paidós Testimonios. 2004. p. 15-69.

FREUD, Sigmund. Dostoiévski e o parricídio (1928). *In*: FREUD, Sigmund. **Arte, Literatura e os artistas**. Trad. Ernani Chaves. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 283-306.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar (1908). *In*: FREUD, Sigmund. **Arte, Literatura e os artistas**. Trad. Ernani Chaves. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 53-68.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud [1957]. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 496-536.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud [1953-1954]**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SANTIAGO, Silviano. **Ora (direis) puxar conversa!**: ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SOUZA, Edson Luiz André de. Posfácio: Faróis e enigmas – arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud. *In*: FREUD, Sigmund. **Arte, Literatura e os artistas**. Tradução Ernani Chaves. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 317-331.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Viena, princípios mai 1924. Correspondencia con Sigmund Freud. *In*: BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A. (Org.). **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. Barcelona: Paidós Testimonios. 2004. p. 15-69.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Salzburgo, 8 set 1926. Correspondencia con Sigmund Freud. *In*: BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A. (Org.). **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. Barcelona: Paidós Testimonios. 2004. p. 15-69.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Londres, 15 nov 1937. Correspondencia con Sigmund Freud. *In*: BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A. (Org.). **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. Barcelona: Paidós Testimonios. 2004. p. 15-69.

ZWEIG, Stefan. [carta]. Londres, 24 ago 1938. Correspondencia con Sigmund Freud. *In*: BERLIN, Jeffrey B; LINDKEN, Hans- Ulrich; PRATER, Donald A. (Org.). **Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler**. Barcelona: Paidós Testimonios. 2004. p. 15-69.

ZWEIG, Stefan. **Autobiografia**: o mundo de ontem, memórias de um europeu. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ZWEIG, Stefan. **Um país do futuro**. Trad. Kristina Mchahelles. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

Recebido em: 05.08.2019

Aprovado em: 30.10.2019